

**I**MAGENS E A CONSTRUÇÃO DE ENTENDIMENTOS ATRIBUÍDO

ÀS PRÁTICAS DE PESQUISAR E APRENDER PARA ENSINAR

IMAGES AND THE BUILDING OF UNDERSTANDING ATTRIBUTED TO RESEARCH AND LEARNING PRACTICES TO TEACH

Gledson R. Nascimento

(UNB-Universidade de Brasília, Brasil - [2054066@aluno.unb.br](mailto:2054066@aluno.unb.br))[[1]](#footnote-1)

**Resumo:**

O texto em questão retrata duas experiências vividas, uma como docente e outro como discente, em ambas as imagens se mostram como um universo de informações, envolvendo temas sobre Arquitetura e Urbanismo, arte rupestre e sua magia e o ecletismo em território colonial. Assim busca-se partilhar como as fontes visuais geram reflexões indispensáveis para moldar ações pedagógicas em diferentes recortes de tempo e espaço independente do interesse historiográfico. Metodologicamente, utilizam-se reflexões de Gombrish (2012), bem como questões relativas à natureza do olhar, expostas por Campos (2012), além de asserções reproduzidas por Hernandez (2013). Há também, considerações sobre netnografia e os acervos digitais on-line, como experiência decorrente do uso de imagens na construção de entendimentos atribuídos às práticas de pesquisar e aprender para ensinar.

**Palavras-chaves:**

Imagens, Arquitetura, Arte Rupestre, Pesquisar e Ensinar

**Abstract:**

The text in question portrays two experiences, one as a teacher and the other as a student, in both images they show themselves as a universe of information, involving themes on Architecture and Urbanism, rock art and its magic and eclecticism in colonial territory. Thus, we seek to share how visual sources generate indispensable reflections to shape pedagogical actions in different time and space cutouts, regardless of historiographical interest. Methodologically, reflections by Gombrish (2012) are used, as well as issues related to the nature of the gaze, exposed by Campos (2012), in addition to assertions reproduced by Hernandez (2013). There are also considerations about netnography and online digital collections, as an experience arising from the use of images in the construction of understandings attributed to the practices of researching and learning to teach.

**Keywords**:

Images; Architecture; Rock Art; Research and Teaching

**1. Trajetória como docente; imagens como universo de informações.**

Para esse primeiro momento, relato uma experiência a respeito da trajetória como docente, sobre a premissa de que as imagens trazem consigo uma infinidade de possibilidades de construção de entendimentos. Tornando possível de serem aplicadas a orientações em diferentes frentes de trabalho, tanto para pesquisar quanto para ensinar. Com essa experiência, se pôde construir reflexões que transitam por um campo bem específico das artes, mais precisamente, Arte Rupestre, motivando estudos de Arquitetura. Portanto, as reflexões vividas na trajetória de pesquisar para ensinar, proporcionaram aprender como professor, ao perceber o diálogo, entre disciplinas distintas do curso de Arquitetura e Urbanismo. Com tudo, é importante frisar que a aplicação de conteúdos, em aulas expositivas e dialogadas, ocorreram pouco antes do isolamento social, provocado pela COVID-19. Com a medida de isolamento, prosseguimos mesmo distantes, mas unidos por vídeo aulas, com as disciplinas de Plástica e História da Arte. Foram com essas disciplinas que a experiência com a prática de pesquisar, para ensinar com auxilio de imagens, revelou uma surpresa. Com o auxílio do livro “História da Arte” Gombrish (2012), já no primeiro capítulo, o autor provoca indagações, sobre o fato de estarmos ignorando como a arte começou. Ele relata como o homem dá início as suas manifestações, artísticas, da seguinte maneira,

“Se aceitarmos o significado de arte em função de atividades tais como a edificação de templos e casas, realização de pinturas e esculturas, ou tessitura de padrões, nenhum povo existe no mundo sem arte. Se, por outro lado, entendermos por arte alguma espécie de belo artigo de luxo, algo para nos deleitar em museus e exposições, ou certa coisa especial para usar como preciosa decoração na sala de honra, cumpre-nos entender que esse uso da palavra constitui um desenvolvimento muito recente e que muitos dos maiores construtores, pintores ou escultores do passado nunca sonharam sequer com ele”. Gombrish (2012,p.14)

Ao partimos da premissa descrita pelo autor, que considera não ter havido nenhuma civilização no mundo que não tenha se manifestado por meio da arte, causou indagações em uma turma com aproximadamente 27 alunos. Portanto, ao discorrer sobre o pensamento do autor, ao considerar como arte, os templos religiosos, esculturas e tessituras, erigidas durante a história, percebeu-se a compreensão de alguns alunos e um esforço por parte de outros. No entanto, quando foram mostradas algumas manifestações, entre povos de diferentes civilizações, por meio de imagens em diferentes continentes, o tema tornou-se um pouco mais complexo. Então, como exemplo foi apresentado aos alunos uma primeira imagem. Tratava-se de uma “mascara de ritual do Alaska representando um demônio comedor de homens” Gombrish (2012, p.20). Seguidamente, foi mostrado outro objeto, dessa vez uma “mascara ritual da nova Guine Distrito de Elema” Gombrish (2012, p.20). É certo que ambas as imagens, revelaram uma cultura visual sobre as manifestações em rituais de diferentes culturas, em dois continentes distintos. Contudo sobre a Cultura Visual que existe nessas manifestações ritualísticas do livro de Gombrish (2012), é relevante mencioná-la como objeto de pesquisa, entendendo que “Cultural Visual não é apenas analisar imagens” Aguirre (2013, p.303). Mas sim investigar o que elas estão dizendo, pois “derivam de diferentes critérios” e “circunstâncias de sua produção” Aguirre (2013, p.304). Sobre esses povos, circunstâncias e critérios da cultura de cada um, se pode entender que.

“Os primitivos são, por vezes, ainda mais indefinidos acerca do que é real e do que é imagem. Certa ocasião, quando um artista europeu fez desenhos de animais numa aldeia africana, os habitantes mostraram-se angustiados: “Se levar consigo o nosso gado, de que é que iremos viver”?. Gombrish (2012 p.17)

Quando essa indefinição, sobre os povos primitivos foi posta em debate, gerou novamente uma estranheza inicial, por parte de determinado grupo de alunos, o que era de se esperar! Porém após um silêncio pleno, o professor consegue aos poucos alinhar o assunto entre a maior parte da turma. Com esse exercício, de gerar reflexões a partir do que se vê, e do que se lê, chega-se a algumas compreensões relativas ao que foi abordado. Porém seminal Então, com o auxilio do poder de entendimentos das fontes visuais, as dúvidas e indagações foram aos poucos se dissolvendo em meio às informações recebidas. Evidenciando que cada povo, em diferentes continentes, independentemente da localização geográfica ou historiográfica, se manifestou ao seu modo. Proporcionando entender também que a distância foi o que diferiu uma cultura da outra. Porém mesmo distantes, há casos de semelhanças, como ocorre com as pinturas rupestres.

Assim, por meio de deslocamentos como parte de ações pedagógicas provocativas, dessa fez, auxiliadas por processos de mediação, entre o conteúdo, as imagens e as opiniões expostas em sala, outras imagens entram no processo. Com isso, nota-se um alinhamento entre a maioria dos alunos que participaram das aulas com mais atenção. Logo se entende que os debates, bem como o result’ado dos olhares sobre as imagens apresentadas, também se aproximam das ações de pesquisa sobre Cultura Visual. Pois sob essas ações ocorre uma forma de absorver a expressão estética e cultural como informação visual, instituída da “natureza construída do olhar” Campos (2012, p.20).

A partir dessas interligações entre o olhar, e as expressões estéticas e culturais, constatou-se de maneira significativa um processo de construção de entendimentos, aumentando em sala. Fato indispensável para as pretendidas reflexões, sob o efeito de um debate, com imagens! Sob esse efeito, outras imagens de diferentes povos primitivos, foram apresentadas no decorrer das aulas. Sempre debatidas para gerar sentidos atribuídos ao “o que dizem as imagens”, este fato proporcionou uma conexão com o título do primeiro capítulo do livro do autor, “Estranhos Começos” Gombrish (2012, p.14). Diante de tais conexões entre, debates, opiniões e imagens, infere-se que pode ter sido também, um estranho começo, para os que absorveram essa informação pela primeira vez. Então surge uma reflexão para o professor! Pois, em meio ao ato de pesquisar, para preparar aulas e depois ensinar, de certo modo, representou um ciclo. Iniciado sobre pensamentos que certa vez, quando aluno, o professor também recebeu essa informação como uma novidade, absorvida de maneira parecida como ocorreu com os alunos. Esse ciclo se encerra, assim como a reflexão, e a postura apresentada pelo mesmo nesse texto, considerando o compromisso de quem pesquisa para ensinar e consequentemente também aprende. Sobretudo com as imagens. Desse modo, é sob a conduta de não tratar as imagens como mera ilustração do texto, mas sim pelo que de fato elas estão dizendo, o tempo todo, que se cumpre então a intenção de promover provocações, acompanhando os resultados atento. Entretanto, como algo inesperado a provocação feita reverbera, com isso, pôde-se perceber uma participação quase unânime da turma, ao descobrirem que as pinturas nas cavernas também são consideradas formas de expressão do homem. Inclusive no campo das artes, marcando um importante período na história da humanidade. No entanto, mesmo entre os alunos que não exprimem seus pensamentos, com facilidade, foi possível perceber, através dos olhares que a novidade causadora de um silêncio pleno, foi sendo absorvida. Com essa ocorrência, aos poucos se notou um entendimento sedimentando na consciência de cada um, mesmo de forma desigual. Esse fato deixou até mais calma, uma turma que estava cheia de energia, dúvidas e inquietações. Essa trajetória de provocações e entendimentos em sala de aula, guiada pelo texto do autor citado, conduz a crer no poder que há nas fontes visuais, sobre a capacidade de enriquecer e orientar, alunos e professor sobre temas que atravessam a História e a Arte. Como mostram algumas imagens a seguir.

|  |
| --- |
| Figura 01 - Pinturas de 15.000 anos; Bisão, encontrado na caverna de Altamira, Espanha. |
|  |
| Fonte: História da Arte, Gombrish,  Ano: 2012 |

Logo que a imagem da figura 01 é apresentada, toda a sala de aula pôde ver e consequentemente dar sequência sobre o que descreve o referido autor. O mesmo evidencia o quanto foram “estranhos os começos”, desse período da História da Arte, mostrando também o fato de estarmos possivelmente “ignorando onde a arte começou” Gombrish, (2012, p.14). O argumento construído pelo autor, considerando a referida imagem, mostra uma forma de representação de arte, dos povos primitivos, produzida a cerca de 15.000 anos. Sobre esse fluxo, foi sendo trabalhado em sala que tal representação tratava-se de um animal que possivelmente, fizera parte do cotidiano dos povos que habitaram as cavernas da região descrita na imagem. Apesar de ser aparentemente um desenho simples, se comparado às tecnologias atuais de representação, há uma ilustração clara do animal representado. Assim os alunos foram entendendo que com técnicas rudimentares, os povos primitivos, mostraram um desenho em síntese, de um animal com proporções definidas. Ao observar o que diz a imagem, até mesmo a força e vigor do animal representado vão sedimentando aos olhares de quem a observa. Gerando curiosidades sobre como foram desenvolvidas se, só haviam instrumentos rudimentares na época, além de toda a dificuldade que há no interior de uma caverna, para desenvolver desenhos. Desse modo, tornou-se importante expor aos que participavam das explanações que o autor se reporta aos povos primitivos da seguinte maneira.

“Chamamos a esses povos "primitivos" não porque sejam mais simples do que nós — os seus processos de pensamento são, com frequência, mais complicados do que os nossos — mas por estarem mais próximos do estado donde, em dado momento, emergiu toda a humanidade” Gombrish (2012,p.14)

Com essa consideração, e pelo que mostra imagem da figura 01, entre cores formas e técnicas de representação, apesar de rudimentares, permitem o professor mostrar ao aluno que os povos primitivos, marcam um episódio importante da História e da Arte. Sobretudo, como um campo revelador de comportamentos e hábitos humanos. Embora a autor mencione, como complicados os seus processos de pensamentos, outras narrativas, sobre a mesma temática exposta, puderam ser conferidas à partir da figura que segue.

|  |
| --- |
| Figura 02 - Pinturas de 15.000 anos; animais no teto da caverna de Lascaux-França |
|  |
| Fonte: História da Arte, Gombrish,  Ano: 2012 |

Diante da figura 02, identificam-se algumas diferenças quando comparada a figura 01, assim como suas semelhanças é claro. Na figura 02, conta-se mais de um animal representado, essa observação desencadearam opiniões diferentes entre os alunos. Alguns disseram parecer que os animais da imagem, pareciam estar correndo, outros complementaram que faziam esse movimento conjuntamente como se batessem em retirada. No entanto, por mais simples que seja a representação primitiva, assim como o seu modo de registra-las, se pôde mostrar o movimento dos animais. Nesse sentido, Gombrish (2012) descreve outra função dessas imagens.

“Entre esses primitivos não há diferença entre edificar e fazer imagens, no que se refere à utilidade. [...], as imagens são feitas para protegê-los contra outros poderes que, para eles, são tão reais quanto às forças da natureza. Pinturas e estátuas, por outras palavras, são usadas para realizar trabalhos de magia. É impossível entender esses estranhos começos se não procurarmos penetrar na mente dos povos primitivos e descobrir qual é o gênero de experiência que os faz pensar em imagens como algo poderoso para ser *usado* e não como algo bonito para se contemplar. Não penso que seja realmente difícil reavermos esse sentimento. Tudo o que precisamos é sermos profundamente honestos conosco e apurarmos se em nosso próprio íntimo não se conserva também algo do "primitivo" Gombrish” (2012,p.15).

Assim que essa apreciação do autor, foi trabalhada em um momento de desfecho sobre o tema, promoveu novamente um silêncio, quase unânime! Afinal, quanto conservamos no nosso próprio íntimo, algo do primitivo? Esse questionamento funcionou, como uma injeção de ânimo, e aos poucos as participações foram ocorrendo, inicialmente de forma tímida. Logo em seguida, opiniões sobre o texto associado a outras imagens, inclusive as que já haviam sido apresentadas vão preenchendo a sala. Principalmente sobre a premissa de “sermos profundamente honestos conosco” Gombrish” (2012) considerando o “algo do primitivo” em cada um. Essas expressões ficaram latentes na consciência de alguns! Pode ser notado. Acredita-se que a leitura do texto, as imagens e as opiniões relatadas em debates, contribuíram para uma construção de entendimentos, a partir do que descreve a obra de Gombrish (2012). Com essa experiência, sobre dúvidas e inquietações, entendeu-se como o homem primitivo contou sua história produzindo imagens, mostrando sua relevância, considerando o período primitivo da História e da Arte.

**1.1 As imagens como universo de informações, se manifestando na orientação de Trabalho de Conclusão de Curso.**

Ainda sobre a experiência como docente, entende-se que seria menos interessante desenvolver e apresentar um TCC-I (Trabalho de Conclusão de Curso-I), sem a utilização de imagens, ou sem pensar sobre “o que dizem as imagens”. Com elas torna-se melhor o entendimento entre as etapas necessárias para o desenvolvimento e entrega de um bom trabalho. Portanto, há um caso bem específico que causou a surpresa para o orientador em questão. O relato compreende o processo de desenvolvimento de TCC de uma orientanda que apresentou desde o início entusiasmo nas orientações. Ela demonstrou buscar a todo tempo, onde e como encontrar, uma ideia central para o desenvolvimento formal, teórico e conceitual de um projeto de arquitetura, para entrega final. A surpresa ocorreu quando a mesma trouxe para as orientações, uma ideia que envolvia a temática discutida em outro momento, em outra sala de aula. O processo inicial de construção de ideias da aluna envolvia a “Arte Rupestre”, isso mesmo! Como um ímpeto, me pareceu que ela estivera na mesma turma de História na Arte, citada na experiência anteriormente! Algo impossível de ocorrer, pois a disciplina que causou tanto debate é ministrada no primeiro período. Lembrando que nesse momento, já se via o necessário distanciamento social. Então, houve a sensação de que a mesma, também tivera participado dos momentos de silêncio pleno! Carregado de inquietações, dúvidas que aos poucos, diante de uma gradativa construção de entendimentos, fosse também emitindo opiniões. Assim, como um ímpeto, ocorreu a impressão de que a orientanda de alguma forma havia participado das reflexões provocativas e dos debates ocorridos á partir do capitulo “Estranhos Começos” Gombrish (2012). Contudo, essa boa e curiosa surpresa se completou quando algumas imagens que preenchiam o seu caderno teórico foram apresentadas. Entre elas estava a imagem que segue.

|  |
| --- |
| Figura 03 – Arte Rupestre, Mãos em Negativo. |
|  |
| Fonte: <https://www.todamateria.com.br/arte-rupestre>,  Ano: 2021 |

Embora a figura 03, não conste no livro; Historia da Arte do autor supracitado, a aluna demonstrou um tipo de “Arte Rupestre” do Paleolítico Superior[[2]](#footnote-2). Portanto, como não havia registros dessa imagem no livro, recorrer aos procedimentos netnográficos foi à solução para certificar sobre a imagem que envolvia o argumento apresentado. Existe um entendimento que a netnografia tem se apresentado como um instrumento importante para a realização de pesquisas, da seguinte forma.

[...] netnografia – um método de pesquisa, baseado na observação participante e no trabalho de campo online, que utiliza as diferentes formas de comunicação mediada por computador como fonte de dados para a compreensão e a representação etnográfica dos fenômenos culturais e comunais. [...] uma área interdisciplinar que se caracteriza por incorporar pontos de vista de diversos campos, como a antropologia, a sociologia e os estudos culturais (KOZINETS Apud CORRÊA, ROZADOS, 2017,p.3).

Graças à internet, a netnografia pode ser considerada um instrumento de pesquisa, assim como uma metodologia também, nesse caso pôde ser utilizada durante a orientação de um trabalho de conclusão de curso, sobre o que mostra a imagem da figura 03. Conhecida como "mãos em negativo", a imagem mencionada, estava relacionada a uma produção do homem primitivo. Ao que consta, para fazê-las, foram utilizados, carvão vegetal e por vezes sangue de animais abatidos1, ossos de animais triturados e folhas de árvores trituradas também eram usados como tinta e como pincéis utilizavam os próprios dedos, ou galhos de árvores. Os galhos tinham outra finalidade, pois pelo orifício oco era soprado carvão triturado sobre as mãos que após serem retiradas da posição inicial, permitia que suas impressões ficassem registradas nas rochas das cavernas[[3]](#footnote-3). Assim, a aluna deu sequência ao seu trabalho, utilizando uma mão como um símbolo que emerge da Arte Rupestre, observando a temática sobre o fato de que a mão pode se estender e socorrer aquele que precisa. Foi com essa mentalidade e gesto de socorrer o outro que surgiu a proposta com o título: “Centro de Ressocialização e Atendimento Socioeducativo”. Conceitualmente ela pôs em prática o desenvolvimento de uma proposta em que o objetivo foi a ressocialização de jovens infratores. Então, com um gesto de generosidade da aluna, essa mão não só representou, os “Estranhos Começos” Gombrish(2012), mas mostrou também algo que sustentou uma proposta teórico-conceitual para um trabalho final de conclusão de curso, com a finalidade de desenvolver um projeto de arquitetura. Seguindo é claro, as premissas de um programa de necessidades para atender, de forma clara o dialogo entre a forma e a função arquitetônica proposta. Nesse sentido, a próxima imagem demonstra o processo de criação, como um método, para o desenvolvimento do seu trabalho, da seguinte maneira.

|  |
| --- |
| Figura 04 – Processo de desenvolvimento, a partir do desenho das mãos |
|  |
| Fonte: TCC de aluna Curso de Arquitetura - Goiânia  Ano: 2020 |

Ao observar a imagem, identifica-se uma sequência de setas mostrando o desenvolvimento de uma ideia que surge do formato de uma mão. As setas indicam para um estudo de setorização, dividida por cores distintas. Onde mostra que o formato de mão, vai adquirindo uma forma mais ortogonal e com as devidas cores, vão se modificando e reorganizando, juntamente com uma legenda. Desse modo, a ideia central e inicial vai tomando forma de representação de projeto, e assim vai se adequando a área escolhida para a implantação, conforme mostra a figura 05.

|  |  |
| --- | --- |
| Figura 05 - Processo de desenvolvimento. | Figura 06 - Processo de implantação. |
|  |  |
| Fonte: TCC-I, Arquitetura e Urbanismo-Goiânia  Ano: 2020 | Fonte: TCC-I, Arquitetura e Urbanismo-Goiânia  Ano: 2020 |

Enquanto a figura 05 mostra um processo de transição, e o início de uma setorização, a figura 06 mostra como seria a implantação geral desenvolvida para o respectivo trabalho de TCC. O resultado da ideia criativa, também evidencia os devidos acessos externos e independentes, assim como uma série de ambientes, voltados para atender um programa bem específico. A figura 06 mostra de fora para dentro, um calçamento que envolve toda a implantação geral. A setorização, antes identificada só pelas cores, agora mostram os ambientes, com aberturas e circulação interna. Identifica-se também uma quadra poliesportiva e a piscina em meio a uma área permeável, que se destaca pela cor verde. Portanto, nessa trajetória como docente, houve um encontro envolvendo processos criativos, considerando a temática de um período significativo da História da Arte. No entanto adotado para o desenvolvimento de um trabalho de TCC, de graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porém é interessante mencionar que esse processo difere-se de outros trabalhos já orientados, onde sempre se apresentam estudos de caso, para definirem propostas conceituais, formais, funcionais e de implantação. Nesse caso, uma aluna empenhada à causa dos que passam por um processo de ressocialização, com um olhar sensível ao tema proposto, mostrou como utilizar as fontes visuais no desenvolvimento de um trabalho acadêmico. Confirmando que as imagens, nessa caso, como algo relativo ao campo das artes, atravessou o percurso de um trabalho de graduação. Por isso, infere-se, como já posto, que as fontes visuais promovem reflexões como ações pedagógicas, e construção de entendimentos, aplicadas à trajetória de pesquisar e ensinar.

**2. Trajetória como discente; imagens que também mostram o ecletismo se manifestando em território colonial.**

Esse relato compreende outra experiência, dessa vez na trajetória como discente do PPG-FAU(UNB), sobre a linha de pesquisa História e Teoria da Arquitetura. Para o momento, há de se mencionar que tal experiência iniciou-se ainda como discente do PPGACV-FAV-UFG. O projeto de pesquisa que tinha como mote de investigação, os “Modos de Ver” Berger (1999) à iconosfera da arquitetura colonial na Cidade de Goiás. Com o olhar voltado para a arquitetura do centro histórico da cidade. No entanto, assim que encontradas, as construções de interesse eram fotografadas e anexadas ao corpo do texto, como ocorre na próxima imagem.

|  |
| --- |
| Figura 07 – Casa de Cora Coralina, ou Casa da Ponte - Cidade de Goiás. |
|  |
| Fonte: Gledson Nascimento  Ano: 2017 |

Assim, a figura 07 mostra uma casa conhecida da Cidade de Goiás, pois se trata da casa da poetisa Cora Coralina. A Casa da Ponte, como também é conhecida, retrata um “modo de ver” Berger (1999) bem específico, pois apresentam características construtivas do período colonial. Transformada no “Museu Casa de Cora”[[4]](#footnote-4), pode ser visitada virtualmente, como parte do seu acervo digital também, importante aos interessados, considerando o período de isolamento social ainda em curso. As especificidades dessa casa contemplam o que foi observado e fotografado para a pesquisa em andamento, pois o conjunto de elementos arquitetônicos, conferidos à figura 07, como uma “imagem fotográfica” Rouillé (2009), mostra um sistema construtivo carregado de rusticidade. Na imagem se pode ver que a construção sobrevive ao tempo, e manifestam deformações na cobertura, nas esquadrias, nas paredes e instalações que, ainda resistem e a mantém de pé. Caiadas de branco, definem por meio de contraste visual os elementos e as características supracitadas. Contudo, ao observa-la, o olhar conduz a confirmação de uma “arquitetura do período” conforme retrata Coelho (2001). O mesmo ocorre com as outras construções próximas, com características semelhantes que se aproximam do que Palazzo (2018) menciona como uma “arquitetura vernacular luso-brasileira”. Nesse sentido, infere-se que durante as ações da pesquisa em curso, houve um modo de ver bem específico, sobre a arquitetura do período colonial. Assim compreende-se que a diferença entre Casa da Ponte, e a Igreja N. S. do Rosário, a partir dos padrões estéticos, pode ser entendido como uma manifestação do ecletismo em território goiano, Conferido também na imagem que segue.

|  |
| --- |
| Figura 08 – Residência com manifestações do Ecletismo na fachada - Cidade de Goiás |
|  |
| Fonte: Gledson Nascimento  Ano: 2017 |

Diferentemente da Casa da Poetisa na figura 07, a residência da figura 08 evidencia uma transformação de fachadas. Ao observa-las há ocorrências de indagações provisórias, referentes a uma “[...] cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito” Hernandez (2013). Um sujeito que se reposiciona a partir do que vê na própria arquitetura da cidade, ou entre nos planos das imagens captadas, reconhecendo a transição sobre algo que esteve transformando, que mudou gosto e os hábitos de pessoas, como uma atitude poliestilística na arquitetura, descrito por Fabris.

O que a atitude poliestilística do ecletismo denota não é apenas um fato artístico, mas uma nova organização social e cultural, que põe fim a toda e qualquer idéia de unidade para apontar para o múltiplo, o diversificado, Fabris (2013)

O relato de Fabris (2013) esclarecem as diferenças entre o que se vê nas figuras 07 e 08. Pois mostram que a casa a poetisa com características do período colonial se contrapõem a Igreja N. S. do Rosário, onde se manifesta conforme descreve Lacerda (1991) “Um neogótico em maiores proporções, cuja torre destoa da paisagem urbana” (LACERDA,1991, p.9). Desse modo a igreja demonstra a manifestação de um novo modo de se pensar e de construir sob uma nova mentalidade, posterior ao colonial como demonstra Coelho (2019) em o “ecletismo na arquitetura de Vila Boa”. Contribuindo então para a ”deslocalização do olhar”, e consequentemente ao “reposicionamento do sujeito” Hernandez (2013). Ora por um sujeito que habita esse lugar. Ora por outros que observam e pesquisam por meio de imagens a arquitetura local, com origem no século XVIII, substituídas no século XX, “influenciada pelos fatores materiais e culturais da época e do lugar como se desenvolve” (Pallazo, 2014, p.88). Portanto ao pesquisar, e ver o que as imagens estão dizendo, revela-se também o inespera-do, como o ecletismo que modelou hábitos e a arquitetura em território colonial.

**3. Conclusão:**

Conclui-se que as duas experiências descritas são atravessadas pelo universo de informações visuais que há entre as imagens. Na primeira experiência, foi possível identificar o quanto as fontes visuais, um plano de aula e uma bibliografia pertinente, podem promover processos de construção de entendimentos. Gerando indagações e reflexões tanto individuais quanto coletivas em uma turma agitada. Nessa ocasião, esteve nítido entre os olhares, que as imagens cumprem uma função pedagógica, com o esperado e necessário grau de senso crítico. Com as imagens, também se pôde impulsionar processos criativos, no desenvolvimento para propostas de estudos acadêmicos de arquitetura. Na segunda experiência, como discente, foi possível identificar por entre os planos das imagens, diferentes manifestações construtivas em um mesmo território. Onde o ecletismo aparece entre as construções do período colonial, como uma arquitetura que atravessou o tempo modelou hábitos e expressões construtivas em território goiano. Por fim, conclui-se que esse modo de ver as imagens atravessando as coisas, inicia durante a passagem pelo PPGACV, foi o que acendeu o interesse sobre o que as imagens podem estar dizendo, sobretudo em ações de pesquisa que agora também reverberam em sala de aula. Como experiência ímpar!

**4. Referências**

AGUIRRE, I. **Reflexividade e desafios na pesquisa com jovens produtores de cultura Visual**. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.) Processos & Práticas em Cultura Visual & Educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

BERGER, J. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CAMPOS, R. **A cultura visual o olhar antropológico**. VISUALIDADES, Goiânia v.10 n.1 p. 17-37, jan-jun 2012.

CARERI, F. **O caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gill, 2013.

COELHO, G. N. **O ecletismo na arquitetura de Vila Boa** - Goiânia: Editora Trilhas Urbanas, 2019.

DUBOIS, P. **O ato fotográfico**. Campinas: Papirus, 1994.

GOMBRICH, E. H. **A História da arte**. 16 ed. Rio De Janeiro: Editora LTC - Livros Técnicos e Científicos, 2012.

FABRIS, A. **O ecletismo à luz do modernismo**. In: \_\_\_\_\_\_. (Org.) Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo: Nobel; Edusp,1987. p. 280–296.

FRANCASTEL, P. **A imagem, a visão e a imaginação**. Lisboa: Edições 70, 1983.

HERNANDEZ, F. **A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito**. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.) Educação da cultura visual conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

LACERDA, R. **VILA BOA: História e Folclore**. 2. ed. Editora Oriente. Goiânia, 1977. SILVEIRA, PX. Conhecer Confaloni. Editora: UCG, 1991.

PALAZZO. P.P. Cem anos de ecletismos na arquitetura **residencial paulistana. In**: **Arquitetura, estética e cidade: questões da modernidade** / Elane Ribeiro Peixoto, Maria Fernanda Derntl, organizadoras.- Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. 249 p.

ROUILLÉ, A. **A fotografia: entre documentos e arte contemporânea**. Tradução Constância Egrejas. São Paulo: Ed. SENAC. S.P, 2009.

Autor: **Gledson Rodrigues do Nascimento**: Doutorando em arquitetura pelo PPGFAU-UNB, membro pesquisador, grupo de pesquisa: Documentação Modelagem e Conservação do Patrimônio - Labe Urbe, onde investiga o ecletismo em território goiano. Possui mestrado em Arte e Cultura Visual pelo PPGACV-FAV-UFG, graduação em Arquitetura e Urbanismo pela PUC-GO e MBA- em Gestão de Projetos de Engenharias e Arquitetura-IPOG.

1. Autor: Gledson Rodrigues do Nascimento [↑](#footnote-ref-1)
2. , 3 Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/arte-rupestre>, acesso em: 18/06/2021. [↑](#footnote-ref-2)
3. [↑](#footnote-ref-3)
4. Disponível em:https://www.eravirtual.org/casa-de-cora-coralina, acesso em: 20/06/202 [↑](#footnote-ref-4)